

STEFAN ZWEIG E A BURGUESIA JUDAICA VIENENSE NO LIVRO DE
MEMÓRIAS O MUNDO DE ONTEM

STEFAN ZWEIG AND THE VIENNESE JEWISH BOURGEOISE IN THE
MEMOIR'S BOOK *THE WORLD OF YESTERDAY*

Mariana Holms¹

RESUMO: Este trabalho toma como objeto de análise a obra memorialística de Stefan Zweig, *Die Welt von Gestern* [*O mundo de ontem*], considerando o retrato que o escritor apresenta da sociedade vienense em relação à importância da burguesia judaica na virada do século XIX para XX. Observamos os objetivos de Zweig na confecção da obra e apontamos relações parentais nas quais o escritor tende a generalizações ou especificações que circunscrevem o tema da assimilação das famílias de origem judaica.
Palavras-chave: Stefan Zweig; *O mundo de ontem*; Pacto Autobiográfico; Assimilação; Origem judaica

ABSTRACT: This paper takes Stefan Zweig's memoirs, *Die Welt von Gestern* [*The world of yesterday*] as main object of analysis, considering that the portrait presented by the writer of the Viennese society regarding to the importance of the assimilated Jewish families in the turn from 19th to 20th centuries. We observe Zweig's goals by writing, we point out parental relationships through which the author tends to generalizations or specifications that circumscribe the theme of assimilation of the families from Jewish background.

Keywords: Stefan Zweig; *The World of Yesterday*; Autobiographical Pact; Assimilation; Jewish background.

¹ Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Bacharela em Letras (habilitação em Português e Alemão) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã do Departamento de Letras Modernas pela mesma instituição. Email: mariana.holms@usp.br.

Stefan Zweig nasceu em 1881, em Viena, foi escritor literário de língua alemã e produziu uma obra volumosa com uma considerável diversidade de gêneros literários entre os quais se destacam as biografias e as novelas, além de ensaios, peças teatrais e libretos, perfis de países, poesia, traduções e a vasta correspondência com intelectuais expressivos do século XX. Sob o regime nacional-socialista, seus livros foram proibidos em 1933 e queimados em Salzburg, em 30 de abril de 1938. Zweig decidiu se exilar em 1934 e, depois de fixar temporariamente em Londres, Bath, Nova York e Ossining, teve Petrópolis como destino último. Faleceu em 1942, em um duplo suicídio com Charlotte Altmann, sua segunda esposa. Seu livro de memórias intitulado *Die Welt von Gestern: Erinnerungen eines Europäers* [O mundo de ontem: memórias de um europeu] foi publicado postumamente em 1944, pelas editoras na Suécia, Argentina e nos Estados Unidos.

No título da obra memorialística de Stefan Zweig, pode-se notar o destaque dado pelo escritor ao cosmopolitismo europeu, aspecto que mobiliza questões de identificação relativas à assimilação cultural que, neste trabalho, serão observadas no modo como o autor representa sua família de origem judaica e a figura de Theodor Herzl. O foco deste trabalho recai sobre a dinâmica das representações da família e de Herzl e o impacto delas na imagem que o autor faz de si próprio no seu livro de memórias.

A obra *Die Welt von Gestern* foi escrita no período entre 1938 e 1941 e, nela, são latentes a preocupação e a angústia do escritor em resgatar elementos de seu próprio tempo em face da experiência de alienação de seu conforto e de sua liberdade devido à conjuntura política instaurada na Europa com o totalitarismo e antissemitismo nazifascista. Nesta obra, Zweig revisita episódios particulares selecionados com base na relevância que ele atribuía na representação do tempo e da geração, especialmente no âmbito cultural, ao compasso dos acontecimentos mundiais da época e, com isso, procura traçar um sentido para sua atuação como intelectual. Diante do esforço de recuperação (e reconstrução) de suas lembranças, verifica-se a intenção do autor em confeccionar um livro com a qualidade de legado para as gerações futuras.

A obra suscitou diferentes pontos de vista e argumentos a respeito da classificação do gênero literário, há uma forma memorialística e impessoal voltada para as relações sociais, há um dever de testemunho que Zweig se declara obrigado a cumprir, há um teor autobiográfico, quando se considera a dimensão subjetiva do autor,

segundo Philippe Lejeune, em *O pacto autobiográfico*, que indica como uma definição norteadora para uma obra autobiográfica: um discurso sobre si, em que a resposta à pergunta “quem eu sou?” consiste em uma narrativa que diz “como me tornei assim”. (LEJEUNE, 2014, p. 63-64). No caso de Zweig a pergunta não é afirmativa, ao escrever *Die Welt von Gestern*, em vez de se perguntar “quem eu sou”, sua obra parece responder à pergunta “quem eu fui e não sou mais?” e narra “como deixei de ser quem eu era” ou então “como eu fui destituído do que pensava ser”. Neste sentido, um dos títulos provisórios para a obra memorialística é bastante elucidativo: “*Europa war mein Leben*” (Europa era minha vida). Esta alternativa para o título foi reformulada, mas mantém traços semelhantes, pois em que “Europa” virou “O mundo” e o tempo verbal no pretérito virou “ontem”. Em ambos casos, há um espaço que foi destruído ou deixou de existir como anteriormente, há um ciclo encerrado, assim como Zweig estabelece como ponto final de sua narrativa do mundo, de seu mundo, em setembro de 1939 com o início da Segunda Guerra Mundial. Na biografia intitulada *Morte no Paraíso* (2012), Alberto Dines, que se dedicou à pesquisa sobre a vida de Stefan Zweig por mais de 40 anos, descreveu o escritor e sua relação com a finitude do tempo:

manso, delicado, sem pátria, sem raízes, sem nacionalidade, sem missão e, agora, sem o idioma. Um sem-tudo. Solto no espaço, *Luftmensch*, agarrado ao tempo, na hora em que o tempo acabou, e tudo ficou diferente. (DINES, 2012, p. 532)

Outro título provisório foi “*Meine drei Leben (My three lives)*” e Stefan Zweig escreve: “entre o nosso hoje, o nosso ontem e o nosso anteontem, todas as pontes se romperam.” (ZWEIG, 2014, p. 15).² Com todas as pontes temporais de sua própria vida destruídas, seu objetivo com o livro de memórias passou a ser reconstruir sua história e seu mundo a partir de fragmentos de um lugar que já não constava mais no mapa (ZWEIG, 2017, p. 10). E, não só a segmentação temporal incide sobre o sujeito que escreve, mas também a multiplicidade de identificações entre as quais esse sujeito assume para si, permanecendo em um não-lugar também social, qualificado por ele como uma “primazia” ou como um ponto de partida para a sua fala: “eu, entre inúmeros tantos, não consigo me atribuir outra primazia senão a de que, como austríaco, como judeu, como escritor, como humanista e pacifista, sempre estive justamente nos lugares

² “*Zwischen unserem Heute, unserem Gestern und Vorgestern sind alle Brücken abgebrochen*” (ZWEIG, 2017, p. 10).

onde esses abalos foram mais violentos” (ZWEIG, 2014, p. 13).³ Com estas identificações, o escritor estabelecerá relações que variam entre proximidade e distância dos acontecimentos relatados, de acordo o julgamento do autor sobre os indivíduos ou grupos específicos, descritos e narrados em terceira pessoa (como a “boa burguesia judaica”, expressão recorrente, ou a figura Theodor Herzl, que discutiremos aqui), além Zweig utiliza de modo frequente a primeira pessoa do plural devido ao objetivo de representar sua geração e falar em nome dela.

Cria-se, com isto, a impressão de que o autor coloca sua vida pessoal à margem dos episódios narrados na obra para favorecer os fenômenos culturais e sociais de seu tempo. Há um gesto de humildade com a reiteração frequente de que se tratava de um cidadão comum, enfatizando uma história partilhada por muitos europeus de origem judaica, embora consideremos que a personalidade pública do escritor seja indissociável deste mundo cultural e sua perspectiva sobre este mundo tenha sido condicionada pelos privilégios que ele possuía. À primeira vista, poderia se pensar que, pela ressalva de Zweig feita no Prólogo, assumindo a postura de mediador e não se protagonista, o autor escaparia ao dilema que foi formulado por Philippe Lejeune como o dilema principal de toda a autobiografia,⁴ entretanto, consideramos que nas fissuras do discurso sobre si reside o que há de impactante e revelador sobre o autor, em detrimento da busca pela veracidade dos fatos e pela apreensão da totalidade do sujeito.

No livro de Luis Krausz, *Passagens: Literatura alemã entre o gueto e a metrópole* (2012), a obra autobiográfica de Zweig é citada problematizando a noção de tradição forjada, cujos elementos representam, nas memórias de Stefan Zweig, a ilusão de pertencimento à tradição em contraste com a contemporaneidade da escrita do autor.

Na *Die Welt von Gestern* de que Zweig fala com tanta nostalgia em suas memórias, os cabelos grisalhos são vistos como símbolo máximo da respeitabilidade e da dignidade, assim como tudo o que recende a formas e maneiras de ser provadas pelo tempo e consagradas por uma tradição que, no entanto, não existe

³ "Ich weiß mir inmitten der Unzähligen keinen anderen Vorrang zuzusprechen als den einen: als Österreicher, als Jude, als Schriftsteller, als Humanist und Pazifist jeweils just dort gestanden zu sein." (ZWEIG, 1968, p. 7).

⁴ Em O pacto autobiográfico (Bis), escrito em 1986, 11 anos depois de seu de seu texto fundante, Lejeune postula "dizer a verdade sobre si, se constituir em sujeito pleno, trata-se de um imaginário. Mas, por mais que a autobiografia seja impossível, isso não a impede de existir" (2014, p. 77). O empreendimento autobiográfico pressupõe uma tarefa ambiciosa, até certo ponto destinada ao fracasso do ideal de autoconsciência que acessaria uma verdade de si, mas é, ao mesmo tempo, bem-sucedida.

realmente, e é obra do engenho e da imaginação tanto quanto os demais símbolos de *status* concebidos pela classe ascendente. (KRAUSZ, 2012, p. 224-225).

Deste mundo construído, fez parte o fenômeno assimilacionista prenhe de imaginação e vislumbre dos *outsiders*, em se tratando de uma tradição que “não existe realmente”, Zweig esforçou-se por se identificar como pertencente a um mundo mais amplo que nacionalidades e designações, por isso, tece identificações diversas e procura forjar uma unidade discutível diante da complexidade identitária decorrente da construção de diferentes identificações e do contexto do exílio:

Zweig não era o “escritor judeu”, mas o judeu escritor – cosmopolita, internacionalista, preocupado com a sorte da humanidade. A aceleração e a intensificação do furor nazista o assustaram, escreveu os textos que não poderiam ser ignorados. (DINES, 2013, p. 12)

O jogo proposto por Dines com substantivo e adjetivo, entre o que é imanência e o que é atributo, demonstra a dificuldade de classificar Stefan Zweig.⁵ No entanto, o nazismo na Alemanha e na Áustria e o exílio conduziram o autor a reconhecer como aparente a tolerância usufruída por sua família como um mérito social. De modo intrincado e ambíguo, alternando alienação, desilusão e idealismo, o autor une em um projeto memorialístico o seu próprio destino ao destino dos judeus e o destino judaico ao destino do mundo.

Nós, que fomos acossados por todas as correntezas da vida; nós, arrancados de todas as raízes que nos seguravam; nós, que sempre recomeçamos onde somos impelidos para um fim; nós, vítimas e também servos fiéis de místicos poderes desconhecidos; nós, para quem o conforto se tornou lenda e a segurança, um sonho infantil – em cada fibra do nosso corpo nós sentimos a tensão de um polo para o outro e o arrepio do eternamente novo. Cada hora de nossa vida esteve ligada ao destino do mundo. (ZWEIG, 2014, p.41).⁶

Zweig declara a infantilidade do sonho de conforto e segurança. Ele evoca outros (de sua geração, de sua origem, acossados, arrancados das raízes e vítimas) aos quais

⁵ Mark H. Gelber, pesquisador dedicado à questão zweiguiana quanto à origem e à tradição judaica, observa: “Corre-se perigo, ao se destacar a dimensão e a importância geral do aspecto judeu, quando se conduz uma discussão sobre a identidade judaica específica de um escritor de religião não-judaica, que escreve em uma língua não-judaica. Esta tendência torna-se, de certo modo, ainda mais aguda, quando no centro dela está um autor judeu-alemão, ou mais precisamente, judeu-austríaco como Stefan Zweig.” (GELBER, 1987, p. 160, tradução nossa).

⁶ “Wir, gejagt durch alle Stromschnellen des Lebens, wir, gerissen aus allen Wurzeln unseres Verbundenseins, wir, immer neu beginnend, wo wir an ein Ende getrieben werden, wir, Opfer und doch auch williger Diener unbekannter mystischer Mächte, wir, für die Behaglichkeit eine Sage geworden ist und Sicherheit ein kindlicher Traum, - wir haben die Spannung von Pol zu Pol und den Schauer des ewig Neuen bis in jede Faser unseres Leibes gefühlt.” (ZWEIG, 2017, p. 43-44).

se une na primeira pessoa do plural, “nós”, como em um coro trágico. O recurso do autor é aproximar-se, apoiar-se nos semelhantes e, no tocante aos austríacos judeus, relembrar referências culturais e intelectuais do contexto de formação do escritor.

No ano da publicação póstuma de *O mundo de ontem*, em 1944, Hannah Arendt lança uma crítica à obra memorialística, fazendo uma análise pertinente sobre a teatralidade política e o culto da aparência de austríacos e alemães, mas acusa ferozmente Zweig de “hipersensibilidade à humilhação”, “mera covardia”, de fraqueza por não suportar a desgraça da condição de pária e do anonimato que se reflete na obra. Kerschbaumer sobre a crise identitária e existencial de Zweig no exílio também comenta a hipersensibilidade e a reclusão do autor, evidencia a construção de um mundo em seu livro de memórias:

Stefan Zweig escondeu-se em seu mundo interior, na sua “concha”, cheio de sofrimento e compaixão, de emoções do tipo bipolar: de um lado, profecias sombrias com a chegada da guerra mundial, expulsando qualquer euforia e esperança – fatores exógenos, pelos quais a pessoa hipersensível, padecendo de perturbação afetiva bipolar, cai em uma depressão autodestrutiva, até o fim comprimida na resistência entre o Eu no ontem construído: europeu e judeu cindidos e divergentes. O mundo duplo de Zweig, sua crise identitária e existencial, encontra-se manifesto no seu *Mundo de ontem* e na sua contrapartida literária, na novela *Xadrez*, escrita com uma linguagem sutil. (KERSCHBAUMER, 2011, p. 229, tradução nossa).

A crítica de Hannah Arendt consiste em um importante registro de recepção, pela contemporaneidade, pela própria experiência do exílio (em condições distintas das de Zweig), ela seria parte deste sonoro “nós”, mas se recusa a ele e assume uma outra postura, de orgulho e resistência, acusando a fraqueza e a capitulação de Zweig. No trecho seguinte da sua crítica, Arendt marca esta distância (geracional e de pátria também), enfatizando a importância de *Die Welt von Gestern* como um documento da situação judaica que os primeiros capítulos da autobiografia de Zweig, em que o autor teria coragem de expor sua ingenuidade e suas desilusões.

É de se admirar e agradecer, que, pelo menos alguém dessa gente tivesse tido a coragem de reproduzir exatamente tudo isso, sem ocultar nem embelezar, e, embora Zweig estivesse muito bem ciente, do quão tolos todos eles haviam sido. (ARENDR, 1976, p. 77, tradução nossa).

Hannah Arendt adota uma perspectiva de distanciamento e indignação bastante aguda quanto a “essa gente” [*diese Menschen*] que acreditava no sentimento de segurança e o alimentava, ignorando a movimentação política que culminaria no exílio,

na Shoah. Essa gente Zweig ironiza, usando a expressão que eles arrogavam para si, chamando-a de “boa burguesia judaica” (sempre com aspas) e também defende, pois adjudica a ela o mérito de produzir os intelectuais e artistas que desenvolveram a cultura austríaca e europeia e de ter sido traída pelas sociedades alemãs e austríacas, já que haviam se doado e esforçado tanto em prol da nação a que aderiram e da cultura local inclusive defendendo o território que habitavam na Primeira Guerra. O excesso de confiança de seu avô, pai e mãe na segurança financeira e social proporcionada pelo progresso está presente na obra como um aspecto da desilusão das famílias assimiladas da cultura de expressão alemã a partir de 1933, ao serem isoladas, odiadas e perseguidas.

Stefan Zweig e seus contemporâneos de geração entraram no campo da corrente principal burguesa austríaca com maior confiança sobre seu lugar dentro dela e seu direito de estar ali. Observada de nosso ponto de vista retrospectivo sobre a experiência histórica judaica do século XX na Europa, essa confiança nos parece profundamente paradoxal. Todavia, examinado a partir de uma época anterior, o contraste entre as respostas de Stefan Zweig e as de seus pais e avós esclarece a problemática central explorada por este livro: *a interação incerta entre a percepção individual e as circunstâncias históricas*. (SPITZER, 2001, p. 118, grifo nosso).

A forma como estes indivíduos, e como o próprio Zweig, viam sua participação social em contraste com os desdobramentos políticos e a recepção (rejeição ou condescendência) desses indivíduos pela sociedade revela um anseio por ancoragem, seja ela econômica ou cultural. Neste processo, nota-se não só a construção de um mundo como de uma filiação cultural traçada por Stefan Zweig, ao mencionar nomes relevantes nos primeiros capítulos de *O mundo de ontem*. Segundo a abordagem psicanalítica de José Amícola (2007) em sua pesquisa sobre a autofiguração no gênero autobiográfico, a forma como a figura do pai é retratada pelos autores de autobiografias consiste em uma fonte significativa de informação sobre o sujeito que narra sua vida, ainda que, como no caso do Zweig, seja uma vida representada como coletiva, mas que não escapa de momentos e colocações particulares. Diante disso, observamos as seguintes figuras associadas à paternidade de Stefan Zweig como indivíduo, escritor e intelectual: o pai Moriz Zweig (a família paterna), o “pai Goethe” (mencionado deste modo pelo autor) e Theodor Herzl.

No Prólogo, o escritor sumariza de modo impessoal a vida pacata das gerações anteriores, de seu avô Hermann Zweig e pai Moriz Zweig. Stefan Zweig cria um contraste

entre as gerações anteriores que conheceram estabilidade e experimentaram transformações sociais, cada uma por sua vez, sem a violência e o excesso com que os acontecimentos históricos atingiram a sua própria geração. Em *O mundo da segurança*, no primeiro capítulo do livro, o escritor elogia a moderação, o comedimento, o trabalho paulatino “dessa gente” que traçou um caminho de ascensão social: um bisavô mascate, avô dono de manufatura, pai industrial têxtil, que puderam acumular uma grande riqueza de modo honrado e não ostentoso. Zweig não deixa de frisar que, para sua família e as demais famílias de origem judaica, o desenvolvimento econômico e o patrimônio construído seriam compreendidos apenas como meio para o desenvolvimento intelectual e artístico, pois a “ascensão intelectual” seria o bem de maior valor para a tradição judaica.⁷ Dentre os objetivos de Zweig, um deles é, a seu modo, contradizer a propaganda antissemita que se valia também do aspecto financeiro para estimular a intolerância, pois os comentários a respeito da situação financeira de sua família são acompanhados de uma diminuição do valor econômico e enaltecimento cultural. Mas o ganho destas famílias não se restringiu à cultura, que se desdobrava na conquista de mais espaços sociais e liberdade, pois a cultura também seria um meio para uma “emancipação” como aponta Spitzer:

Se fôssemos julgar os aspectos da experiência assimilacionista conforme se manifestaram em muitos Zweig e Brettauer pertencentes à geração nascida no terceiro quarto de século XIX – se fôssemos avaliar o rigor de sua aculturação nos valores dominantes por seu comportamento público, sua aparência externa e seu uso da língua –, seria razoável inferirmos que a via emancipatória inicialmente aberta pelo Edito de Tolerância de José II havia conseguido atingir sua meta. Tomando por base os padrões burgueses do “refinamento cultural”, bem como da realização econômica e profissional – tomando por base a *Verbesserung* –, muitos Zweig e Brettauer haviam realizado, se não ultrapassado, as esperanças dos reformadores sociais liberais. (SPITZER, 2001, p. 114).

Nas palavras de Zweig sobre a assimilação judaica em Viena, o escritor indica que não era um traço particular à sua família, mas seria um fenômeno comum às famílias

⁷ “De maneira geral, supõe-se que enriquecer seja o verdadeiro e típico objetivo de vida de um judeu. Nada mais falso. Enriquecer, para ele, significa apenas um degrau intermediário, um meio para o verdadeiro fim, e nunca o objetivo interior. A verdadeira aspiração do judeu, o seu ideal imanente, é a ascensão intelectual para uma camada cultural mais elevada.” (ZWEIG, 2014, p. 27-28). / “Im allgemeinen wird angenommen, reich zu werden sei das eigentliche und typische Lebensziel des jüdischen Menschen. Nichts ist falscher. Reich zu werden bedeutet für ihn nur eine Zwischenstufe, ein Mittel zum wahren Zweck und keineswegs das Ziel. Der eigentliche Wille des Juden, sei immanentes Ideal ist der Aufstieg ins Geistige, in eine höhere kulturelle Schicht.” (ZWEIG, 2017, p. 27)

que adotavam a cultural hegemônica dos polos urbanos para os quais se mudavam e se adaptavam com rapidez e sucesso e almejavam a integração orgânica com a sociedade:

Tendo-se emancipado cedo da ortodoxia religiosa, eram seguidores fervorosos da religião da época, o “progresso”, e, na era política do liberalismo, forneciam ao Parlamento os deputados mais respeitados. Quando se mudavam de sua região para Viena, adaptavam-se com surpreendente rapidez à esfera cultural mais elevada, e tal ascensão pessoal estava organicamente ligada ao florescimento geral da época. A nossa família também foi bastante típica no tocante a essa forma de transição. (ZWEIG, 2013, p. 23-24).⁸

Embora elogiado por suas qualidades morais e desenvoltura cultural admirável, vale notar que o pai de Zweig, não aparece citado pelo nome próprio, senão pela função parental. Sua trajetória profissional e bem-sucedida de empreendedorismo a partir de um capital mínimo e fábricas inicialmente improvisadas (ZWEIG, 2017, p. 22-23) é mencionada em paralelo ao retrato individual de seu pai como alguém discreto, de natureza desprovida de cobiça [*ungierige Natur meines Vaters*] (ZWEIG, 2017, p. 23) e com um orgulho apenas: nunca comprometer seu nome com dívidas,⁹ com costumes simples. Um exemplo seria o comentário de Zweig ao dizer que seu pai não fumava charutos importados, mas Trabuco simples assim como o imperador Franz Josef fumava seus “Virgínia baratos”; a comparação com os modos do imperador evidencia o traço de assimilação com a aderência aos costumes locais e, além disso, a associação à referência monárquica seria uma forma de marcar o reconhecimento do representante político austríaco. Em outra passagem, Zweig menciona que uma assimilação de seu pai fora tão bem-sucedida que superou o desempenho das demais pessoas (e neste “demais” pode-se entender pessoas não-imigradas ou de origem não-judaica), Zweig indica que seu pai adquirira uma desenvoltura e um refinamento cultural melhor que seus

⁸ “Früh vom orthodox Religiösen emanzipiert, waren sie leidenschaftliche Anhänger der Zeitreligion des ‘Fortschritts’ und stellten in der politischen Ära des Liberalismus die geachtetsten Abgeordneten im Parlament. Wenn sie aus ihrer Heimat nach Wien übersiedelt, passten sie sich mit erstaunlicher Geschwindigkeit der höheren Kultursphäre an, und ihr persönlicher Aufstieg verband sich organisch dem allgemeinen Aufschwung der Zeit. Auch in dieser Form des Übergangs war unsere Familie durchaus typisch.” (ZWEIG, 2017, p. 22).

⁹ “Que nunca, em toda a sua vida, alguém tivesse visto o seu nome em um título de dívida ou em uma promissória, que ele sempre tivesse constado na coluna ‘haver’ do seu banco – naturalmente, o mais sólido de todos, o banco dos Rothschild, o Kreditanstalt –, foi o único orgulho da sua vida.” (ZWEIG, 2014, p. 24). / “Daß zeitlebens nie jemand seinen Namen auf einem Schuldschein, einem Wechsel gesehen hatte und er nur immer auf der Habenseite seiner Bank – selbstverständlich der solidesten, der Rothschildbank, der Kreditanstalt – gestanden, war sein einziger Lebensstolz”. (ZWEIG, 2017, p. 23).

colegas e que, a despeito disso, recusara honrarias e títulos.¹⁰ No caso da “performance” de seu pai na sociedade, Zweig se refere às qualidades do pai tocar piano extraordinariamente bem, escrever bem, falar francês e inglês, o que significa que ele investia no aprimoramento de habilidades artísticas e fluência não só na língua local como de idiomas estrangeiros pertinentes ao contexto socioeconômico, e acrescenta-se a sutil comparação entre seu pai Zweig e os demais burgueses estabelecidos: seu pai biológico seria mais “culto” [*gebildet, kultiviert*]. São detalhes, a princípio triviais, mas que contém uma carga simbólica, porque são utilizados como ilustração, como estratégia para que o leitor absorva a atmosfera em torno de alguém, a personalidade do retratado ou biografado a partir de uma característica, seus hábitos ou objetos que podem ser associados à pessoa.

Quanto ao lado materno, a família de Ida Brettauer é mencionada como esnobe e com a tendência de desprezar as uniões de casamento com famílias menos abastadas. O traço mais frisado na caracterização dos Brettauer é sua origem não italiana, mas internacional, assim, Stefan Zweig reafirma seu caráter universalizante e entusiasta da unidade europeia. O fato de sua família ter se espalhado pelo mundo reforça a construção da imagem do autor e seria mais importante do que a grandeza econômica, que faz questão de expressar quão diminuta em comparação com as famílias de grandes banqueiros junto da ênfase de obviedade: “*natürlich*”, “claro”.¹¹ Zweig procura abrandar o impacto da dimensão financeira atrelada à atividade bancária, possivelmente, motivado pelo apreço à honestidade e à modéstia atreladas à sua representação da assimilação cultural em relação às caricaturas propagandísticas e, além disso, pelo bem do projeto

¹⁰ “Embora fizesse muito melhor figura e fosse muito mais culto do que a maior parte de seus colegas – tocava muito bem o piano, escrevia bem e de maneira clara, falava francês e inglês –, ele recusou todo o tipo de honraria e honoríficos, em toda a sua vida jamais almejou ou aceitou qualquer título ou cargo, como tantas vezes lhe foi oferecido em sua posição de grande industrial.” (ZWEIG, 2014, p.25). / “Obwohl ungleich repräsentabler und gebildeter als die meisten seiner Kollegen – er spielte ausgezeichnet Klavier, schrieb klar und gut, sprach französisch und englisch – hat, er beharrlich sich jeder Ehre und jedem Ehrenamt verweigert, zeitlebens keinen Titel, keine Würde angestrebt oder angenommen, wie sie ihm oft in seiner Stellung als Großindustrieller angeboten wurde.“ (ZWEIG, 2017, p. 24-25)

¹¹ “A família da minha mãe não era de forma nenhuma italiana, mas se considerava internacional; os Brettauer, que originalmente possuíam um estabelecimento bancário, cedo saíram de Hohenems, lugarejo na fronteira suíça, e se espalharam pelo mundo – seguindo o modelo das grandes famílias de banqueiros judeus, mas em dimensões bem diminutas, claro.” (ZWEIG, 2014, p. 26-27). / “Die Familie meiner Mutter war keineswegs italienisch, sondern bewußt international, die ursprünglich ein Bankgeschäft besaßen, hatten sich – nach dem Vorbild der großen jüdischen Bankiersfamilien, aber natürlich in viel winzigeren Dimensionen – von Hohenems, einem kleinen Ort an der Schweizer Grenze, frühzeitig über die Welt verteilt.“ (ZWEIG, 2017, p. 26).

de cristalizar sua imagem como escritor e intelectual, salientando a sua origem cultural em detrimento de sua situação financeira confortável.

A valorização do aspecto cultural de sua família reforça a sua carreira de escritor e a recepção de seu público, ao passo que a tentativa de amortecer o impacto da condição financeira de sua família materna afeta a imagem de Zweig no exílio em comparação com a condição financeira da maioria das famílias que emigraram da Europa fugindo da perseguição nazista. Evidenciar sua condição econômica excepcional implica questionamentos acerca de sua imagem de “cidadão comum”. Por isso, Zweig oscila entre o particular e o geral, enfatizando que as condições de vida que seus pais tiveram eram comuns a outras dez mil ou vinte mil famílias. O autor escreve que seus pais, mesmo com a proteção especial, tiveram uma existência confortável e quieta, no sentido de não terem sido extravagantes ou não provocarem algum estranhamento na sociedade vienense e, no excerto a seguir, fica evidente a tensão do autor entre reconhecer o que é próprio de sua história pessoal (da história de seus pais) e indicar que, “na verdade” [*eigentlich*], ele conta algo impessoal quando se refere ao quão típica sua família seria dentro da chamada “boa burguesia judaica”.

É verdade que eles ainda contavam com uma proteção especial: eram pessoas abastadas, que haviam enriquecido pouco a pouco, chegando a uma grande fortuna, e isso, naqueles tempos, garantia-lhes um conforto especial. Seu estilo de vida me parece tão típico para a chamada ‘boa burguesia judaica’ – a qual forneceu valores tão essenciais para a cultura vienense e em agradecimento foi totalmente exterminada –, que eu, na verdade, conto algo impessoal ao relatar sua existência confortável e quieta. Como os meus pais, viviam em Viena cerca de dez ou vinte mil famílias naquele século dos valores garantidos. (ZWEIG, 2014, p. 23).¹²

Neste trecho também, Stefan Zweig expressa, ainda que com certa indignação contida, que a contribuição das famílias da burguesia judaica que cederam “valores essenciais” à cultura vienense teve o extermínio como agradecimento, e cria uma dicotomia entre os que seriam “vienenses” (ou os representantes da cultura vienense) e os “judeus-vienenses” (a burguesia judaico-vienense) que haviam sido responsáveis

¹² “Freilich hatten sie noch einen besonderen Windschutz: sie waren vermögende Leute, de allmählich reich und sogar sehr reich wurden, und das polsterte in jenen Zeiten verlässlich Fenster und Wand. Ihre Lebensform scheint mir dermaßen typisch für das sogenannte „gute jüdische Bürgertum“, das der Wiener Kultur so wesentliche Werte gegeben hat und zum Dank dafür völlig ausgerottet wurde, daß ich mit dem Bericht ihres gemächlichen und lautlosen Daseins eigentlich etwas Unpersönliches erzähle: so wie meine Eltern haben zehntausend oder zwanzigtausend Familien in Wien gelebt in jenem Jahrhundert der gesicherten Werte.“ (ZWEIG, 2017, p. 21-22).

pelo desenvolvimento cultural da cidade. Estes “valores” [*Werte*] que fomentaram a cultura vienense eram valores prezados e defendidos por Zweig – ainda que, assim como a segurança e o progresso, consistissem em sonho ou em anacronismo, ainda que os próprios escritores de sua geração (e da geração anterior) denunciasses estes mesmos valores e buscassem liberar-se deles.¹³

Para defender a participação e o reconhecimento da contribuição cultural advinda da sensibilidade judaica em sua época, Zweig dispõe de muitos nomes usados como referência para demonstrar que a importância dos judeus como força motriz para o desenvolvimento artístico e científico a exemplo desta citação de *Die Welt von Gestern*. Sua ênfase ao serviço que estes artistas prestaram à Áustria e para o prestígio e a relevância que a cultura “austríaca” fomentada por eles ganhou em nível internacional inclusive:

Os judeus de Viena haviam se tornado produtivos em termos artísticos, não de uma maneira especificamente judaica, mas conferindo à natureza austríaca, vienense, a expressão mais intensa através do milagre da sensibilidade. Goldmark, Gustav Mahler e Schönberg se tornaram figuras internacionais na criação musical. Oscar Straus, Leo Fall, Kálmán levaram a tradição da valsa e da opereta a um novo florescimento; Hofmannsthal, Arthur Schnitzler, Beer-Hofmann, Peter Altenberg conferiram à literatura vienense um novo valor, que ela não tivera nem com Grillparzer e Stifter. [...] Por seu amor apaixonado pela cidade, por sua vontade de se integrar, eles se adequaram totalmente e estavam felizes em poder servir à glória da Áustria; percebiam sua condição de austríacos como uma missão no mundo e – é preciso repetir, por honestidade – uma boa parte, se não a maior parte de tudo o que a Europa e a América hoje admiram na música, na literatura, no teatro, no artesanato como expressão de uma cultura austríaca revivida, foi criada pelos judeus vienenses, os quais, por sua vez, ao assim se externarem atingiram a realização suprema de seu milenar anseio intelectual. (ZWEIG, 2014, p. 37-38).¹⁴

¹³ Cf. “Zweig incorporava para eles [intelectuais contemporâneos de Zweig] a persistência de um sistema burguês de valores – das ideias sobre amor, sexo e gênero, sobre guerra, desejo e destino, sobre o papel da literatura, sua linguagem apropriada, a *persona* autoral e o público – que perdia sua credibilidade. Este mundo evanescente da *Bildungsbürgertum* [burguesia de formação] mostrava para eles sua face real no que eles consideravam que a invocação da literatura e da grandeza humana feita por Zweig era esteticamente fingida e ideologicamente falsa.” (LISKA, 2007, p. 203-204, tradução nossa).

¹⁴ “Das Wiener Judentum künstlerisch produktiv geworden, allerdings keineswegs in einer spezifisch jüdischen Weise, sondern indem es durch ein Wunder der Einfühlung dem Österreichischen, dem Wienerischen den intensivsten Ausdruck gab. Goldmark, Gustav Mahler und Schönberg wurden in den schöpferischen Musik internationale Gestalten, Oscar Strauss, Leo Fall, Kalman brachten die Tradition des Walzers und der Operette zu einer neuen Blüte, Hofmannsthal, Arthur Schnitzler, Beer-Hofmann, Peter Alterberg gaben der Wiener Literatur einen europäischen Rang, wie sie ihn nicht einmal unter Grillparzer und Stifter besessen. [...] Durch ihre leidenschaftliche Liebe zu dieser Stadt, durch ihren Willen zur Angleichung hatten sie sich vollkommen angepaßt und waren glücklich, dem Ruhme Österreichs zu dienen; sie fühlten ihr

Quanto ao livro *Die Welt von Gestern*, estes valores burgueses, morais e estéticos, mobilizam a representação e o julgamento dos episódios narrados no livro de memórias, de modo que a personalidade e o prestígio de Zweig como escritor são colocados em jogo. A reiteração da idade, da geração dos sexagenários, da juventude que cultuava o teatro e a literatura, vivia um “fanatismo pela arte” [*Fanatismus für die Kunst* (ZWEIG, 2017, p. 33)] e a própria recusa do autor aos movimentos modernistas é algo que se verifica quando outra figura é evocada, sendo nada menos que um representante máximo da cultura e da língua alemã: Johann Wolfgang von Goethe.¹⁵ Logo após Zweig comentar a vida e as características de seu pai biológico, Zweig evoca o nome de Goethe e o chama de pai. A reivindicação desta paternidade literária diz muito sobre o objetivo do livro, não se trata de uma biografia de um homem, se trata da linhagem de um escritor, e essas duas figuras paternas que presentificam o conflito de identificação de Zweig com a cultura judaica e a cultura de expressão alemã quanto aos seus valores, apesar de Stefan Zweig esforçar-se por conciliá-las em suas memórias.

Em um mundo em que só se pode permanecer livre mediante a astúcia, a fuga e em que, como disse sabiamente o pai Goethe, ‘na hora do tumulto, condecorações e títulos amortecem muitos golpes’. Mas é o meu pai dentro de mim com seu orgulho secreto que me retém, e não posso me opor a ele, pois devo-lhe o que considero ser talvez a minha única posse segura: o sentimento de liberdade interior. (ZWEIG, 2014, p. 26).¹⁶

Nesta citação, é possível verificar também a cisão que Zweig na relação entre a honra secreta e a honra social ou a liberdade interior e a exterior. Por um lado, o autor descreve a característica honrosa do seu próprio pai, da modéstia e do anonimato, procura aproximar-se de sua integridade e, por outro, o “judeu escritor”, como se refere Dines, reconhece a sabedoria do “pai Goethe” diante da condição do mundo social e o benefício do prestígio, condecorações e cargos públicos como garantia de segurança e

Österreichertum als eine Mission vor der Welt, und – man muß es um der Ehrlichkeit willen wiederholen – ein Gutteil, wenn nicht das Großteil all dessen, was Europa, was Amerika als den Ausdruck einer neu aufgelebten österreichischen Kultur heute bewundert in der Musik, in der Literatur, im Theater, im Kunstgewerbe, ist aus dem Wiener Judentum geschaffen gewesen, das selbst wieder in dieser Entäußerung eine höchste Leistung seines jahrtausendalten geistigen Triebes erreichte.“ (ZWEIG, 2017, p. 40).

¹⁵ Goethe (1749-1832) foi poeta, dramaturgo, romancista, teórico, humanista, que além de sua influência cultural determinante na expressão alemão, exerceu também funções políticas e obteve títulos e cargos importantes na corte de Anna Amalia em Weimar.

¹⁶ "In einer Welt, wo man für frei bleiben kann durch List und Flucht, und wo, wir Vater Goethe weise sagte, „Orden und Titel manchen Puff abhalten im Gedränge“. Aber ist mein Vater in mir und sein heimlicher Stolz, der mich zurückzwingt, und ich darf vielleicht als meinen einzig sicheren Besitz empfinde: das Gefühl der inneren Freiheit.“ (ZWEIG, 2017, p. 25).

estabilidade social, mas, busca aproximar-se dele por sua representatividade cultural, indicando sua formação [*Bildung*] que toma Goethe como parâmetro, como progenitor. Leo Spitzer reforça o fenômeno assimilacionista e atribui a mobilidade social dos indivíduos à educação, ao aprendizado da língua, de modo que a ideologia dominante fosse inculcada neles.

As escolas e universidades, que desempenharam papel central e facilitador no processo assimilacionista e na mobilidade social dos indivíduos dessas famílias, eram os principais veículos de disseminação e repisamento da ideologia dominante. Eram os locais que ensinavam as crianças e adultos e jovens a ler e escrever na língua dominante e que, por intermédio dessa língua, moldavam sua concepção de mundo. Essas instituições lhes forneciam elementos de cultura científica e literária dominante e as versões da história fornecidas por ela, instruíam-nos nas regras do comportamento e da moral aceitáveis, educavam-nos para a responsabilidade civil e instilavam neles o respeito pela divisão sociotécnica do trabalho. (SPITZER, 2001, p. 153).

Zweig superou a demanda social do domínio linguístico padrão, da leitura escolar obrigatória de Goethe, a ponto de dedicar-se a ela como ofício e dizer-se “filho” da tradição literária dominante: não só ele era totalmente aculturado (e nos termos de Spitzer, teve sua concepção de mundo moldada pela língua), como era, sobretudo, um escritor, cujo ofício seria alimentar a expressão literária e cultural (dominante) com suas produções textuais e defender o prestígio da língua. Com isso, relembramos que Zweig, também no primeiro capítulo, declara fazer parte do orgulho e da ambição da burguesia judaica ajudar a manter a fama e o esplendor da cultura vienense, que dependia dos judeus para manter seu nível de excelência.

Um exemplo *dessa gente* em *Die Welt von Gestern* que foi, até certo ponto, bem-sucedidos na assimilação cultural é o redator e editor Theodor Herzl. Intelectual influente na difusão cultural, na seleção do que seria consumido pelos leitores do seu *Feuilleton*, ele teria chegado ao topo do prestígio, reconhecido por todos, foi responsável por introduzir jovens autores no mercado literário, editar e publicar seus primeiros textos no jornal *Neue Freie Presse*. Exerceu a função de outro pai literário para Zweig, mas este decidiu romper com as ideias e a causa social de Herzl.

Gelber observou que a relação entre Zweig e Herzl foi mais duradoura do que a impressão suscitada no livro de memórias, assim como a relação de Zweig com o sionismo ou com um projeto artístico que tivesse uma fundamentação no ideal sionista não tenha se restringido à influência direta de Herzl, mas também à amizade com Martin

Buber, Ephraim Moses Lilien e Bethold Feiwel (apenas E. M. Lilien é citado, brevemente em *Die Welt von Gestern* e, no livro, é omitida a amizade que Zweig mantivera com os três por mais de um ano). A colocação a seguir é marcada por ressalvas (*es wäre vorstellbar*, seria possível de imaginar, *vielleicht*, talvez) porque Zweig nada declara diretamente, mas partiu da análise da correspondência e dos diários da época como amparo à pesquisa do crítico:

Seria também de se imaginar que Zweig na virada de século tivesse contato com as ideias e os círculos sionistas sem a mediação de Herzl, ou seja, sem que Herzl estivesse exercendo pessoalmente um papel. Talvez ele procurasse naquele tempo uma alternativa judaica para a forma de existência judaico-burguesa malquista de seus pais; contudo, comprovar isto não é possível. Assumindo que ele aos 19 anos (antes de 29 de novembro de 1901) já publicava um trabalho inédito no *Neue Freie Presse*, então se deveria considerar que o flerte de Zweig com o sionismo, especialmente com o movimento cultural-intelectual, foi muito mais profundo e duradouro do que ele figurou e como se supôs em geral. (GELBER, 1987, p. 166-167, tradução nossa).

Theodor Herzl foi um dos primeiros a desiludir-se com a pretensa aceitação da diversidade na Áustria e expor isto em seu livro *Der Judenstaat* [O Estado judeu] publicado em 1896, atestando contra o antissemitismo velado antes mesmo dos judeus assimilados se darem conta do perigo que corriam com a institucionalização política da intolerância que viria décadas depois. Zweig relata em *Die Welt von Gestern* como Herzl se tornou alvo de chacota pública, nos teatros e por onde passava cochichavam sátiras ao sionismo extraídas do ensaio satírico do ácido Karl Kraus, “*Eine Krone für Zion*” [Uma coroa para Sião] publicado em 1898, as pessoas diziam que o “rei de Sião” havia chegado no recinto; mas também comenta a falta de unidade no movimento sionista que não respeitava a liderança de Herzl (Cf. ZWEIG, 2017, p. 118-127).

Nota-se o peso da relação entre Herzl e Zweig, quando, no exílio, este foi questionado a respeito das ideias sionistas. Stefan Zweig, em seu ideal de mediação, critica a loucura do mundo das Guerras em que era exigido tomar partido sobre tudo, essa relutância de Zweig em se posicionar foi criticada por muitos intelectuais, amigos íntimos ou distantes, e isto foi tema do rompimento da amizade com Romain Rolland, um intelectual que Zweig elegeu em vida como mestre e chamado de “consciência moral de Europa” tamanha a sua admiração por Rolland. Quanto a Theodor Herzl, na reticência tímida e no relato do último encontro dele e Zweig em *Die Welt von Gestern*, seria muito possível que houvesse constrangimento diante do mentor, embora não seja possível

definir se esta contrição provinha da razão que Herzl teria em suas advertências ou se da vergonha de Zweig em relação à decadência social e o consequente isolamento de Herzl. Ao final, Zweig rompe com a paternidade e o pensamento de Herzl. Prochnik reproduz, a partir do livro do jornalista Joseph Brainin sobre Zweig, a entrevista concedida à imprensa no exílio em Nova York em janeiro de 1935, em que se esperava de Zweig uma declaração contra o hitlerismo e o autor acaba por ser interpelado a respeito de seu envolvimento com Herzl e o sionismo.

“Você mesmo não foi associado com Doutor Herzl e outros pioneiros sionistas?” perguntou um repórter. “Eu nunca fui um sionista de verdade,” replicou Zweig. “Eu odeio todos os tipos de nacionalismo. Eu não gostaria que os judeus se tornassem nacionalistas.” (PROCHNIK, 2014, p. 61, tradução nossa).

O posicionamento de Zweig tendia ao recuo diante das tomadas de partido, decidir-se por um partido ou outro é uma demanda de seu tempo que ele coloca como sendo algo negativo. Seu ideal de mundo consistia na unidade, na harmonia, na convivência pacífica com a diversidade e este ideal foi projetado sobre o mundo de ontem, forjado em *Die Welt von Gestern*, de modo que isto atinge diretamente o retrato das condições de vida das famílias judaicas em sua cidade natal e em seu país. Vivian Liska, a respeito da recepção dos autores e, especificamente, sobre a crítica de Hannah Arendt procura esclarecer a cobrança da filósofa:

Arendt afirma que os judeus como Zweig, que queriam ser reconhecidos entre os “grandes homens”, lutaram por mais do que sucesso pessoal; eles aspiravam ao reconhecimento social que os tornaria, no melhor dos casos, *parvenus*. Curiosamente, a noção de Arendt de *parvenu* aponta para duas direções de uma vez. Por um lado, ela se distingue do “pária consciente”, o outsider orgulhoso que Arendt via como a única alternativa válida para a existência humilhante do *parvenu*. Por outro lado, Arendt deveria ter notado que a designação também funcionaria como um insulto aos olhos dos quais enxergavam a si mesmos como *verdadeiros* membros da sociedade dos poucos eleitos. Como o *nouveau riche*, o *parvenu* também é uma categoria negativa para aqueles que constituem a elite *real*, estabelecida, cuja perspectiva parece partilhar do próprio desdém de Arendt por estes “aspirantes”. (LISKA, 2007, p. 211-221, tradução nossa).

Enquanto Hannah Arendt manifesta seu desdém em relação à assimilação, Zweig vê a adaptação cultural como uma qualidade e uma medida para o cumprimento do que ele chama de missão cultural existencial do povo judaico: a superação e o aperfeiçoamento do que é nacional a partir do seu esforço e de sua contribuição intelectual. O que Zweig não esperava era que a capacidade de se adaptar e estar em

qualquer lugar do mundo chegasse ao desfecho de não poder estar em nenhum lugar no mundo e ser perseguido ou barrado. Por isso, Zweig oscila ao longo da obra memorialística entre a crença e a desconfiança quanto à plenitude da participação da burguesia judaica na sociedade austríaca e alemã e na cultura europeia.

No caso deste autor, por um lado, havia a preocupação com seu projeto estético idealista e sua imagem como escritor internacional que defendia a supranacionalidade, mas, por outro, manter sua origem judaica e sua ligação com a cultura judaica no âmbito privado tem um sentido de proteger seus vínculos e amizades e, sobretudo, colocar a correspondência que foi fruto delas em segurança num momento que a Europa não parecia mais segura: em 11 de dezembro de 1933, ainda residindo em Salzburg e, portanto, antes de exilar-se, Stefan Zweig envia uma carta ao então diretor da Jewish National and University Library (JNUL), S. Bergmann, solicitando o arquivamento seguro da sua correspondência e o compromisso de sigilo absoluto sobre a existência e o local desta correspondência até 10 anos após a sua morte.¹⁷ Nesta carta, além da confiança absoluta depositada na instituição judaica, há uma expressão bastante significativa que não passou despercebida por Gelber: “nossa biblioteca”. Zweig refere-se à Biblioteca Nacional de Jerusalém como sua também, ele se coloca como parte de um coletivo que tem Jerusalém como referência, ainda que em sigilo. Além desta forte identificação, a ponto de ser mantida em segredo, este ato de Zweig pode ser compreendido como uma evidência de sua crença na missão que ele atribui aos judeus, de desenvolvimento intelectual e de relevância para a sua época e para a supranacionalidade (que se nota nos destinatários das correspondências).

Mas não foi toda a correspondência de Stefan Zweig que ele enviou para a JNUL. Parte de sua coleção de cartas foi enviada para a Biblioteca Nacional de Viena, algo que não ficou em sigilo, mas foi exposto no livro de memórias. E, então, um detalhe sobre sua biografia sobre o destino das declarações e das relações epistolares que ele manteve ao longo da vida como cidadão europeu contém em si a duplicidade da autorrepresentação de Zweig, que seria dizer-se austríaco e guardar em si uma

¹⁷ Cf. “Eu fiz uma seleção da mais verdadeira importância, e ela abrange, ao lado de gente menor da literatura, tudo o que há de mais essencial de nossa época, Hauptmann, Rol[and] – centenas de cartas –, Verhaeren, Einstein, Richard Strauss, Joyce, Gorki, Th. Mann, etc. etc. [...] Eu acredito, sem qualquer presunção, que ela representa uma das correspondências mais interessantes desta época e seria uma aquisição substancial para a vossa, para a *nossa biblioteca*.” (ZWEIG apud GELBER, 1985, p. 163, grifo e tradução nossos).

confiança absoluta no caráter e no compromisso judaico com os valores elevados que o escritor disse terem sido cedidos à cultura vienense e europeia. Isto nos mostra que não faltam discrepâncias na obra de Zweig e o conflito entre os traços de identificação que poderiam defini-lo é estrutural. Apesar disso, Zweig esforçou-se na tentativa de conciliá-los, permanecendo hesitante e incapaz de assumir uma postura assertiva com relação à sua identidade.

Esta discrepância, que tangencia o tema intrincado de sua identidade judaica, é familiar à estética do exílio, pois as nuances delicadas de suas relações com o sionismo e o nacionalismo judaico em geral se ocultaram, em função da harmonia de uma imagem mais simples de seu eu judeu [jüdischen Selbst] na sua autoconsciência judaica, que mostra um desenvolvimento perceptível, sem renegar a judeidade [das Judentum]. [...] Ao contrário do silêncio sobre suas relações com Jerusalém, em *Die Welt von Gestern* foi mencionado que a outra parte de sua coleção de cartas foi entregue à Biblioteca Nacional de Viena. Isto funciona como um sinal adiante do pertencimento do exilado à pátria do qual ele fora expulso. (GELBER, 1995, p. 159, tradução nossa).

Como Gelber aponta, esta discrepância de desdobra de forma que a identificação com a nacionalidade austríaca (que Zweig diz extinta pelo nazismo) conviva com uma noção de imanência judaica e de pertencimento a uma cultura (ou sistema de valores tradicionais) que não ficaria, a seu ver, restrita a uma única nação; contudo, ficou restrita ao indivíduo esquivo das cobranças advindas da identificação com o povo judeu que sofria e, como outros intelectuais apontam, requeria uma representação ativa e explícita, da qual Stefan Zweig se absteve. Algumas características e passagens do seu discurso e de sua postura provocaram reivindicações e indignação dos seus contemporâneos, como Arendt e Rolland. Só com o acesso à correspondência e diários e estudos biográficos a respeito da personalidade de Zweig, que se passou a ter mais recursos para abordar o caráter esquivo de Zweig e a construção ou a encenação de seus “valores” e dimensionar a consciência e evitação de conflito, a insegurança e a idealização de si próprio como autor em relação à obra, mas também uma crença ingênua na construção do que ele chamou de *O mundo de ontem*. “Seu mundo de ontem” apresenta-se confortável, protegido e propício para a manutenção das ilusões e foi confeccionado com intuito de transmitir esses tais valores, em que o autor acreditava, a um mundo de amanhã. De todo mundo, compreender a ingenuidade de ontem é uma importante tomada de consciência sobre os perigos que o nosso hoje pode oferecer.

Uma das homenagens à sua obra, o filme *O Grande Hotel Budapeste* (2014), dirigido por Wes Anderson, responde ao fascínio que os mundos criados por Zweig provocam, em especial, *O mundo de ontem*. No longa-metragem, o personagem Zero descreve seu estimado Monsieur Gustav, gentleman inspirado na figura de Zweig: “Para ser honesto, eu acho que o mundo dele evanesceu muito antes dele sequer entrar nele. Mas ele certamente sustentou a ilusão com uma graça formidável.” (GRANDE HOTEL BUDASPESTE, 2014). Esta graça formidável [*marvellous grace*] poderia qualificar o trabalho literário e autobiográfico do escritor e, também, demonstra o quanto as fantasias coletivas desempenham um papel determinante no imaginário do indivíduo a respeito da sociedade e na forma como ele recompõe os traços das figuras famílias ou as referências de familiaridade que toma emprestadas para configurar um relato. Essa tensão é que nos leva a investigar e buscar compreender seus desdobramentos e sua mensagem a nós, leitores contemporâneos, como alerta diante da intolerância e das convulsões políticas e sociais que têm se manifestado na atualidade.

REFERÊNCIAS

AMÍCOLA, José. *Autobiografía como autofiguración: estrategias discursivas del yo y cuestiones de género*. Rosario: Beatriz Viterbo Editora. Centro Interdisciplinario de Investigaciones de Género. Facultad de Humanidades y Ciencia de la Educación. Universidad Nacional de La Plata, 2007.

ARENDDT, Hannah. Juden in der Welt von gestern. In: *Die verborgene Tradition: acht Essays*. Frankfurt am Mai: Suhrkamp Verlag, 1976. p. 75-87.

_____. Stefan Zweig: Jews in the World of Yesterday. In: ARENDT, H. *The Jewish writings*. New York: Schocken Books, 2007. p. 317-328.

DINES, Alberto. *Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

ELIAS, Norbert. *Os Estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014.

GELBER, Mark H. Die Welt von Gestern als Exilliteratur. In: GELBER, Mark H.; ZELEVITZ, Klaus. *Stefan Zweig – Exil und Suche nach dem Weltfrieden*. Salzburg: Ariadne Press, 1995. p. 148-166.

_____. *Zweig und die Judenfrage von heute*. In: GELBER, Mark H. (Org.) *Stefan Zweig heute*. New York; Beine; Frankfurt am Main; Paris: Lang, 1987. (New Worker Studien zur neueren deutschen Literaturgeschichte; Bd. 7). p. 160-180

KERSCHBAUMER, Gert. *Stefan Zweigs Schachnovelle: seine Identitäts- und Existenzkrise*. In: GELBER, Mark H.; LUDEWIG, Anna-Dorothea (Orgs.). *Stefan Zweig und Europa*. Hildesheim; Zürich; New York: Georg Olms Verlag, 2011.

KRAUSZ, L. S. *Passagens: Literatura Judaico-alemã entre Gueto e Metrópole*. São Paulo: Editora de Universidade de São Paulo, Fapesp, 2012.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008. 404 p.

LISKA, Vivian. *A Spectral Mirror Image. Stefan Zweig and his Critics*. In: GELBER, Mark H. (Org.). *Stefan Zweig Reconsidered*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2007. p. 203-218.

PROCHNIK, George. *The impossible exile: Stefan Zweig at the end of the world*. New York: Other Press, 2014.

SPITZER, Leo. *Vidas de entremeio: assimilação e marginalização na Áustria, no Brasil e na África Ocidental*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. 289 p.

THE GRAND BUDAPEST HOTEL. Wes Anderson. Indian Paintbrush; American Empirical; Studio Babelsberg. Alemanha; Estados Unidos: 2014. Los Angeles: Fox Searchlight, 2014. DVD. 99 min, colorido.

ZWEIG, Stefan. *Die Welt von Gestern: Erinnerungen eines Europäers*. Organização e comentários de Oliver Matuscheck. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 2017. 683 p.

_____. *Autobiografia: o mundo de ontem: memórias de um europeu*. Tradução de Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

_____. *O mundo insone*. Tradução de Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.